



Resenha do livro Voo das abelhas da terra de Ana Mumbuca, série intempestivas, caderno de leituras nº 177, das Edições Chão da Feira, Belo Horizonte, 2020.

Maria de Fátima de Albuquerque Caracristi¹

¹Doutora em geografia pela UFG, mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, Professora do curso de Jornalismo da UFT, editora da revista Espaço e Tempo Midiáticos.

O livro digital Voo das Abelhas de Ana Mumbuca é uma obra contemporânea que nos transporta para um mundo tão evasivo quanto bucólico. Evasivo porque a autora não faz um relato profundo da vida no quilombo de Mumbuca, no Jalapão, apenas deixa pitadas deste mundo enredado pelos seus significados telúrios e, ao mesmo tempo, bifurcado pelas relações econômicas e sociais que o restringe àquilo que lhe é negado e lhe é cobrado, o direito de não estabelecer conexões amplas com o capitalismo e a colonização, que transcende todas as brechas de urbes e sertões. O título faz referência ao que os quilombos se tornaram no meio das florestas, litoral e cerrados “agentes polinizadores” que defendem a vida do planeta. Um trecho do livro ela conta que existe:

uma lógica competitiva dos que mandam no “mundo”, nós somos insignificantes como os insetos. Dentre os insetos, somos abelhas Tataíra, Abreu, Arapuá, Mumbuca, entre outras. Somos fazedoras de mel, somos polinizadoras do planeta e nosso jeito de existir faz nascer frutos que alimentam as vidas. Quem se importa com as vidas das pequenas abelhas? Em tempos pandêmicos, com pandemias que não são apenas contemporâneas, também é tempo de fazer alianças. Quais e como estão sendo as suas alianças?

Na narrativa fluida a autora conta sobre um quilombo sitiado, isolado socialmente e aquietado pelo perverso preconceito de raças, classes e gênero, porque nos quilombos há um mundo que não é matriarcal, mas é tecido por mulheres. Nessa territorialidade construída pela diáspora, de um povo fugido da escravidão, foi na braveza dos sertões, que se realizou este percurso migratório até a chegada em Mateiros.

Os mumbuca ocupam uma região chamada Jalapão, no

leste do Tocantins, divisa com os estados da Bahia, Piauí e Maranhão. Nesse conto, feito na primeira pessoa do plural, indicando sempre o coletivo e a comunidade, que se diz tratar de “uma grande família, descendentes dos povos da África trazidos para o Brasil. E nossa reação foi nos retirar das terras nordestinas, ocupamos um recanto cercado por serras e rio”.

Do Jalapão é que Ana Mumbuca vai construindo o enredo que faz de Voo das Abelhas uma obra instigante, misto de Cora Coralina e Maya Angelou. Um conto protagonizado por mulheres, no caso de Ana Mumbuca, mulheres negras como Angelou, e recorrente inspiradoras e inspiradas na gentileza poética a exemplo de Coralina.

A história ocorre no momento presente e é recortada pela experiência inadvertida vivida pela epidemia da covid-19, que também chegou aos quilombos, arrefecendo ainda mais a insignificância do poder público para com tantas vidas que indiferentes à cosmologia eurocêntrica e colonizadora devastou cidades e campos e segregou os povos ao isolamento social, porque, desde sempre, foi étnico e cultural.

Ana Mumbuca retrocede no tempo para o ano de 2000 a virada do século XXI que trouxe a proximidade com a televisão que chegou depois da luz elétrica ser instalada no quilombo e as coisas como avião, a reportagem da Rede Globo que fez a cobertura da chegada da energia, marcando em pleno século XXI, a entrada do quilombo no século XX, como ela assim relata: “Vivíamos em um cantinho que não fazia “parte do planeta globalizado”, o nosso intacto paraíso de muitas dificuldades e repletas alegrias. Éramos tão sozinhos”.

Nesta solidude comunal, Ana foi tecendo a vida e lembra a noite do dia 27 de fevereiro, quando caminhou

para junto dos jovens do quilombo “que insistem teimosamente em continuar ocupando as universidades públicas”, presenciar uma aula de redação cujo tema era Covid-19. Em outra parte da obra Ana se vê mergulhar nas “in”certezas dos interesses propositais das mortes, a exemplo, o sistema de armamento nucleares, risco eminente de uma catástrofe da humanidade e o desprezo dos alertas de aquecimento global e outras ameaças globalizantes imediatas”.

Avançando, a autora se reporta ao dia 17 de março, quando ocorreu a primeira morte pela covid-19 no Brasil. O fato despertou os mumbuca, que tomaram a decisão de fechar o quilombo das visitas turísticas: “Não seria permitido que os nossos mais velhos fossem para a cidade; a saída do Mumbuca seria permitida só em caso de extrema urgência”.

A autora faz referência ao capim dourado, uma sempre viva que é a fonte de sobrevivência de quase todo o quilombo. Com as hastes da planta se constroem peças de artesanato, originalmente costurados com a fio de seda do buriti. Ana relata que com a frase “Sempre lutamos juntos para viver, em qualquer situação, atentos aos cantos das cuãs”, presa ao decreto, a comunidade seguiu em “defesas de todas as vidas”.

O quilombo de Mumbuca foi ocupado pelos atuais moradores há muitos séculos, no Brasil, os quilombos serviram de resistência e proteção aos negros fugitivos das fazendas desde os séculos XVII e XVIII. Não há uma data precisa, mas historiadores e relatos dizem que Mumbuca se originou dos ex-escravos fugidos da Bahia e Piauí, como conta Ana Mumbuca e, para a autora, quando o Estado instaura o Parque Estadual do Jalapão (PEJ) nos territórios quilombolas, em 2001, os mumbuca se tornam ameaçados de perder seu patrimônio e se põem em defesa para continuar vivendo na terra, sem serem expropriados do lugar que os ancestrais lhes deixaram à custa de “muitas lágrimas, sangue e suor”.

Ana Mumbuca se diz indignada com o tratamento recebido pelo Estado do Tocantins que tem feito uso da história, da cultura e da narrativa do artesanato do capim dourado para como ela diz: “ganhar visibilidade”. Mais à frente ela continua: “Sem nenhum pudor, somos vidas objetificadas, fomos o quilombo que inspirou uma novela da rede Globo de televisão, o estado do Tocantins sempre nos “usou” para ganhar visibilidade, nosso artesanato, nosso canto, nossas expressões culturais”.

Ana Mumbuca acredita que existe um ambientalismo que mostra o Jalapão com as paisagens naturais e a fauna, “sem a gente”, isto é, as muitas facetas do racismo ambien-

tal apagam a nossa existência neste ambiente.

Com a chegada da covid-19, a principal fonte de renda da comunidade advinda da comercialização do artesanato de capim dourado na loja coletiva de Mumbuca foi interrompida; como substituição a esta fonte de renda a comunidade se debruçou no plantio das roças. Através de uma web conferência no mês de maio houve ameaça do Estado de reabrir o Parque Estadual do Jalapão para a atividade turística. Mumbuca se levanta contra e o argumento era lógico, o Jalapão é uma área habitada por pessoas com vulnerabilidade.

A ideia de que estavam decidindo “por nós sem nós”, foi levantada pelos Mumbuca e ainda ignora os dispositivos como a convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Essas ações foram levadas e os Mumbuca fizeram uma representação junto ao Ministério Público Federal, que passou a acompanhá-los.

Ana Mumbuca conta que os subsídios que chegaram para a comunidade foram insignificantes, apenas algumas cestas básicas duas vezes, para algumas famílias em abril e julho. No dia 19 de junho de 2020, a comunidade foi surpreendida com a visita do presidente da Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADE-TUC). Os argumentos para a abertura das atividades turísticas eram os interesses econômicos. Naquela tarde, os mumbuca respaldados pela orientação e decisão dos mais velhos, entregaram um documento contendo dez razões para a não reabertura das atividades turísticas no Jalapão.

O livro digital de Ana Mumbuca é um conto que merece ser visitado pela atualização do tema o enfrentamento da covid-19 nas populações tradicionais do Brasil, mas é também saborosa a maneira personalista com que conta a vida no quilombo, é uma espécie de fragmento da dissertação que defendeu na UNB, um estudo de grande valor histórico e cultural que desmistifica o academicismo e abre janelas e portas para uma proposta menos técnica e não menos científica de descolonizar a academia.

A dissertação⁹ é um estudo na perspectiva contra colonialista do quilombo Mumbuca, a pesquisa adotou uma metodologia compartilhada, fundamentada no compromisso ancestral dos participantes. O resumo do trabalho é apresentado como um estudo “de afirmação da cosmologia quilombola, identificando os aspectos de como a mesma se origina, se gesta, diverge e confluência”.

A dissertação é escrita na primeira pessoa e traz relatos da vida íntima de Ana Mumbuca, e da vida comunal, seus sonhos e fantasias infantis, a saída da casa dos pais e

⁹<https://repositorio.unb.br/handle/10482/37374>

do quilombo para Mateiros para enfim poder estudar. As lutas de Ana Mumbuca não se limitam a uma mulher de quilombo. Nasceu de um parto complicado, foi uma criança frágil, teve paralisia infantil e anemia e entre cinco anos de sua vida, dos 5 aos 10 anos sofreu pedofilia.

A narrativa é contada sem maneirismos e sentimento de vitimização, reforça a perspectiva de que a violência estrutural da academia pode ser redesenhada para dar oportu-

nidades a outras narrativas. Quando Ana conta que a 5ª avó Jacinta foi a primeira mulher do quilombo, uma indígena que foi capturada pelos negros quilombolas no percurso da migração da Bahia até se assentarem em Mumbuca, ela reverbera a violência misógina sofrida por todas as mulheres de todas as raças e segmentos sociais: “não somos uma sociedade patriarcal”, reforça Ana Mumbuca na dissertação que deu origem ao “Voo das abelhas da terra”.